

RESENHA

BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patricia (Orgs.) *Tradução e relações de poder*. Florianópolis: Copiart, 2013.

Autor: Braz Pinto Junior

Universidade Federal da Grande Dourados

Coautor: Sergio Luiz Rodrigues Medeiros

Universidade Federal de Santa Catarina

A coletânea de ensaios *Tradução e Relações de Poder*, organizada pelas professoras e pesquisadoras da Universidade Federal de Santa Catarina, Dra. Rosvitha Friesen Blume e Dra. Patricia Peterle, e publicada pela editora catarinense Copiart, procura discutir em 432 páginas alguns aspectos dos Estudos da Tradução relacionados às relações de poder.

O livro retoma a discussão foucaultiana e dos pensadores pós-estruturalistas, que consideram o poder como algo inerente à atividade humana, à medida que reflete sobre questões-chave dos Estudos da Tradução, como a origem ou finalidade do fenômeno tradutório, o papel do tradutor ou os recursos de que dispõe o tradutor literário.

Conscientes da complexidade do tema, as organizadoras procuram oferecer ao leitor uma visão tão ampla quanto possível, ao selecionar ensaios de teóricos e pesquisadores preocupados com a tradução como um “complexo de escolhas e atitudes” diante de formas e conteúdos prévios, capaz de ampliar as visões ou delimitá-las, servir ao mesmo tempo de “fruto” e de “alimento” para as transformações da língua, da linguagem, da sociedade.

Um livro sobre tradução e sobre poder, é, certamente, um livro sobre escolhas, dos tradutores, dos leitores. Como tal, não poderia se descuidar de suas próprias escolhas, ciente das implicações políticas e ideológicas delas provenientes.

As organizadoras, ao citarem Haroldo de Campos, tradutor de Konstatinos Kaváfis, como referência de seu trabalho, refletem sobre o fenômeno da tradução bem como sobre o próprio ato de estar no mundo, interpretando-os como atos essencialmente políticos. Para elas, o tradutor sempre se compromete com suas escolhas, já que por detrás de cada gesto há sempre uma rede de relações que nunca será neutra.

Já não se trata de especular o que o autor quis dizer com seu texto ou se o tradutor deve ou não ser fiel, mas de identificar o poder de transformação da tradução à medida que coloca tanto o autor quanto o tradutor e seus leitores como agentes políticos, ou seja, capazes de escolha.

Cada texto passa a fazer parte de uma rede de textos com a qual dialoga, delibera, digladia, defere ou deturpa. Ser leitor/tradutor é tornar-se consciente dessa rede e da responsabilidade pela sua transformação.

Citando também Umberto Eco, a coletânea chama a atenção para riqueza proveniente da impossibilidade do tradutor de dizer exatamente a mesma coisa que o autor ao qual pretende traduzir. Espécie de “limitação” que obriga o tradutor a tomar decisões não apenas sobre o que dizer, mas também sobre aquilo que não será dito.

A tradução, vista por alguns somente como um produto, acabado e materializado em um livro ou em outros formatos, deve ser concebida como algo complexo. Tendo em conta tudo o que é colocado em jogo durante o ato tradutório, traduzir pode ser entendido como um processo, um conjunto de tensões e relações políticas ou ideológicas que certamente comportam consequências.

As organizadoras apresentam treze ensaios assinados por pesquisadores interessados no tema. Os três primeiros, de Eliana de Souza

Ávila, Rosemary Arrojo e Kanavilil Rajagopalan, buscam definir o leque pós-estruturalista da abordagem proposta no livro.

Ávila, ao discutir a teoria de Gayatri Chakravorty Spivak, propõe pensar a tradução como uma espécie de ato de “violência”, enquanto indaga se o tradutor é ou não capaz de *ouvir*, enquanto Arrojo, retomando Nietzsche e as bases do pensamento pós-moderno, procura refletir sobre o papel do tradutor como sujeito, chamando a atenção para uma maior visibilidade de seu trabalho. Rajagopalan, por sua vez, preocupado com a relevância dos estudos pós-coloniais, defende a presença de relações de poder relativas ao texto, seu significado e seus limites, sempre dependentes do leitor e, portanto, presentes na tradução.

O quarto ensaio apresentado no livro, de autoria da pesquisadora Maria Tymoczko, estuda o conceito do “entre-lugar” na tradução, à medida que procura relocar o tradutor e apresentá-lo não como alguém “entre” culturas, mas como sujeito pertencente a determinada cultura e que é, portanto, não neutro por definição.

Também de forma conceitual, a partir de Nietzsche e Foucault, no quinto ensaio, Michaela Wolf estuda as implicações éticas da tradução, culminando no conceito de “negociação” de Bhabha, enquanto Luise von

Flotow discute no sexto ensaio intersecções entre os estudos feministas e de Tradução nas últimas décadas, relacionados à teoria *queer* e à psicanálise.

As relações entre Tradução e tecnologia são tema do ensaio assinado por Michael Cronin, que destaca o papel das redes midiáticas para um conceito de tradução coletivo.

Os ensaios seguintes, assinados por Hephzibah Israel, Samah Selim, Lieven D’hulst e Karen Vandemeulebroucke e Martha P. Y. Cheung, seguem uma perspectiva histórica, apresentando estudos de casos em que tradução e poder estiveram relacionados: Israel estuda a tradução da Bíblia por missionários protestantes na Índia do século XIX e seu impacto nas diversas castas religiosas. Selim analisa o conceito de civilização na

obra de Gustave Le Bon e na tradução de sua obra para a língua árabe por Ahmad Fathi Zaghul. D'hulst e Vandemeulebroucke estudam as relações de poder na Bélgica francófona em relação à interação com a cultura flamenga no século XIX. Cheung apresenta as relações entre a tradução e as transformações sociais na China do final do período Qing, segunda metade do século XIX.

A tradução como estratégia de resistência a uma cultura do simulacro é o tema do penúltimo ensaio, de autoria de Lawrence Venuti, enquanto o ensaio de Mona Baker finaliza o trabalho, estudando o papel do tradutor em regiões afetadas pela guerra.

Em suma, o livro *Tradução e relações de poder* traz uma importante contribuição para o “estado da arte” dos Estudos de Tradução, campo de estudo relativamente recente, ou dos chamados Estudos Culturais, ao elencar de forma equilibrada trabalhos de pesquisa variados em uma abordagem madura que pode ser lida tanto como um estudo introdutório quanto um aprofundamento da teoria e da prática da tradução na contemporaneidade.

¹ E-mail do autor: brazjunior@ufgd.edu.br